

CRÓNICA DO CONGRESSO



Anunciado de longa data e precedido por um trabalho sério, organizado e afinado em dois encontros de todos os dirigentes gerais e diocesanos, celebrados em 1951 e 1952, nos dois centros universitários de Coimbra e Porto, realizou-se, no vasto edifício do Instituto Superior Técnico, de 15 a 19 de Abril de 1953, o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica (organizado pelas Direcções Gerais da J.U.C. e J.U.C.F.), com a assistência de cerca de 2.000 rapazes e raparigas das nossas três Universidades clássicas e da Universidade Técnica de Lisboa.

A fé viva e genuíno espírito litúrgico dos actos colectivos de piedade, a seriedade e profundidade das reuniões plenárias e das sessões parciais de estudo, a iniciativa do mapa universitário e os seus dados estatísticos, que põem de manifesto, com a mais larga objectividade, a situação real do meio universitário português, sondado em todos os seus aspectos por uma série larga de inquéritos, alguns dos quais supõem 10.000 exemplares distribuídos, com cerca de 4.000 respostas recebidas - resultado proporcionalmente não obtido por nenhuma sondagem espontânea, até agora realizada no país - tudo isto, associado à mais franca alegria e espírito de camaradagem, entre professores e alunos, entre rapazes e raparigas, marca alguma coisa de inédito, que deve ser registado como uma consoladora promessa de rejuvenescimento no ambiente da Universidade, em Portugal.

A palavra de ordem de Pio XII para toda a Cristandade, pode resumir-se na divisa gravada no emblema do Congresso - uma candeia acesa aos pés da cruz - e tomada para guia espiritual dos seus trabalhos: - Estar presente, servir a Igreja. O maior mal de que sofre o nosso tempo é a ausência do Evangelho e de fiéis servidores que o tornem conhecido.

Esta ausência persistiu, durante décadas, nas nossas escolas superiores. Perante os problemas, que a situação actual do mundo, e, nele, a do país lhes põem, a presença das verdades eternas, a completar a estrutura total do homem, torna-se não só necessária, mas decisiva, Cabe a mestres e estudantes católicos fazerem-se portadores delas.

Mensagem de acção? Sem dúvida, na medida do possível. Sempre e sem restrições, mensagem de exemplo. A presença do Evangelho na Universidade constitui a resposta condigna do cristão ao apelo de Cristo e o melhor serviço prestado à Igreja, a quem Ele confiou essa missão substancial e iniludível. Pio XII, desde o Congresso de "Pax Romana, reunido em Amsterdão, em 1950, tem recordado, por isso esta missão de presença e de serviço, que se impõe, como nunca, no momento actual. A

A Juventude Universitária Católica Portuguesa, escutou o apelo do Papa e, para realizar a sua presença viva do Evangelho na Universidade, quis, antes de mais nada, tomar posições, clarificando, com precisão, o conceito de Universidade à luz do pensamento católico e, atenta a sua origem e evolução, os seus fins, a sua natureza, institucional, as suas responsabilidades sociais e as suas relações com a Igreja.

Dentro destas linhas fundamentais, é que se efectivou o Congresso e se definiu a presença do universitário católico na alma mater que o modela para a vida, a amplitude e características da sua actuação apostólica, tendo em vista os diversos tipos actuais de Universidade, a função especial e actual da Universidade católica, o papel das organizações universitárias de estudantes e a posição do católico no seio delas, a situação da mulher na Universidade, a condição económico-social dos estudantes, o seu estado moral e religioso, as preocupações culturais e ideológicas da massa universitária, os seus problemas de estudo, sem esquecer, finalmente, o tema candente da vocação e preparação profissionais.

A SESSÃO SOLENE INAUGURAL

A 15 de Abril à noite, após a chegada das delegações do Porto e Coimbra, em comboio especial, o pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico, expressamente decorado para esse efeito, recebia os numerosos congressistas para a sessão solene de abertura. Na mesa da presidência, Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o representante do senhor Nuncio Apostólico, o senhor Ministro da Educação Nacional, o senhor Arcebispo de Mitilene, o Director do Instituto Superior Técnico, Bernard Ducret, Secretário Geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos Pax Ro-



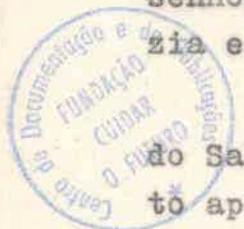
mana, o Dr. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto, e os Presidentes da Comissão Executiva. Nas primeiras filas, numerosos prelados, os Reitores das Universidades Clássicas de Lisboa e Porto, o representante do Reitor de Coimbra, o Vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, o Presidente do Instituto de Alta Cultura e elevado número de Directores e Professores catedráticos das diversas Faculdades, nas suas insígnias académicas, professores extraordinários e assistentes, associações académicas, representantes dos vários organismos da Acção Católica, etc..

A sessão abriu pela leitura de uma mensagem de Sua Santidade Pio XII, enviada pelo Pro-secretário de Estado, Mons. Montini, ao senhor Arcebispo de Mitilene e que a assistência escutou de pé. Dizia esse documento entre outras valiosas indicações:

"Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia duma fé inquebrantável e princípio dum alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança nas suas obrigações intellectuais nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão, aliás, enfiadas neste estudo pelas orientações que Sua Santidade, há poucos meses, dirigia, dum modo particular, aos membros do Congresso Internacional de Pax Romana?

O apostolado intellectual é difícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade duma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária, preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento humilde e firme, se deixe prender, apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos."

Em seguida, o Presidente da Comissão Executiva procedeu à leitura dos telegramas de agradecimento ao Santo Padre e de saudação ao Senhor Presidente da República, e tomou a palavra para explicar os motivos do congresso sobre a Universidade. Exaltando-a como centro de formação do escol do país, destinado aos primeiros postos da direcção social e como ponto da mais elevada cocentração do saber, o Dr. Adérito Sedas Nunes frisou que a preparação deste escol



Fundação Cuidar o Futuro

depende das qualidades que deve possuir. Essas qualidades determinam os próprios fins da Universidade. Os primeiros dotes dum chefe são inteligência bem formada, espírito rigoroso e metódico, independência de iniciativa e de juízo, plenitude de desenvolvimento das capacidades de compreensão e crítica: ciência, cultura, competência profissional. Mais importantes, todavia, que as qualidades intelectuais, são os dotes morais e o espírito cívico; a Universidade não pode, por esse motivo desinteressar-se também dum tipo de homens moralmente valiosos, conscientes das suas responsabilidades sociais e nacionais, interessados e esclarecidos na problemática fundamental do seu tempo e devotados ao bem comum.

Estudando os problemas fundamentais da Universidade, um congresso de rapazes e raparigas católicas, das várias Faculdades que a integram, não podia deixar de ter em conta o pensamento da Igreja. Porquê? Porque os problemas universitários, para eles, só podem ser apreendidos na absoluto da sua profundidade, quando encarados do ponto de vista duma concepção integral do mundo, do homem e da vida.

Estudar o problema da Universidade à luz do pensamento católico é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, e de modo particular nestes tempos, em que os erros terríveis do materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade duma filosofia, construída sobre fundamentos puramente humanos.

Lidos pelo secretário do congresso, Dr. Paulo Marques, numerosos telegramas e mensagens dirigidos à assembleia por personalidades e instituições universitárias do país e do estrangeiro, bem como de todos os Prelados portugueses, que não puderam estar presentes, foi dada a palavra ao professor de Medicina e vice-reitor da Universidade do Porto, Dr. Fernando Magano. Com a sua incontestável autoridade, o orador aponta certo mal, coisa para muitos indefinida, mas padecimento ou imperfeição, que a todos diz, não estar certa a Escola, assim como está.

Delineado para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que o esquema da sua estrutura está fora do nosso momento e, sobretudo, tem-se quase a certeza de que, na sua orgânica actual, a Escola não servirá para os momentos que aí vêm. Os alunos agitam-se ordenadamente? Há que ouvir-lhes as perguntas, tomá-los a sé-



rio nas suas dúvidas; há que conviver. As formas superiores do ensino, dizia Agostinho de Campos, devem ter em mira, consideradas pelo seu aspecto mais prático e directamente social, a formação de dirigentes. Ou funcionam como escolas de verdadeira aristocracia, ou não são formas superiores de ensino.

Herdámos uma escola da indiferença; tenhamos uma escola da responsabilidade.

A técnica há-de ser posta ao serviço das pessoas, directa ou indirectamente. É, pois, necessário que o mestre, sem se cercear, no que quer que seja do conhecimento científico, não esqueça nem iluda o uso que o mesmo conhecimento pode vir a ter, em bem ou em mal. Uma vez mais, na história do mundo, neste momento de confusões de toda a espécie, a Igreja espezinha as consciências e esclarece as inteligências. Tomando conta do seu momento temporal, vê as coisas intemporalmente. E, então, diz a palavra que fica: a palavra que fica, porque já era.

Começando por estabelecer as fronteiras da ciência e da fé e verificar a salutar renovação cristã que está a operar-se nas esferas intelectuais, tanto em Portugal como além fronteiras, Sua Ex^{ta} Rev^{ma}. assinalou que o ambiente social está ainda bem longe de poder considerar-se robustamente recristianizado.

No mundo intelectual e nas escolas superiores, "quantos campos de estudo e de investigação científica, como dizia Pio XII, em 1941, aos universitários italianos, se têm desenrolado e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem levar em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, se não sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas"!

Longe de causar estereis desalentos, o facto deve estimular o sentido apostólico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos. Qual a missão dos universitários cristãos, dentro da Acção Católica? No campo das ideias, demonstrar que o pretensu divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. O seu apostolado traduz-se na palavra-luz inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem feri-las; no exemplo encorajante e construtivo, que, sem coacções, faz apelo para as altu-



Fundação Cuidar o Futuro

ras; na acção sacrificada e generosa, que, delicadamente, põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu. É de lamentar que, em país de tantas tradições cristãs, não haja, ainda, uma Universidade católica, lareira superior de doutrina teológica e de apostolado social, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa, - com lições, com livros, com revistas. Felizmente, possuímos já, um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. O presente Congresso é uma esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças.

O Senhor Cardeal Patriarca encerrou a sessão, congratulando-se pela elevada forma como tinha decorrido o acto inaugural do Primeiro Congresso da Juventude Universitária Católica. O seu lema não podia ser mais oportuno, na hora em que se forja um mundo novo: estar presente, para que ele seja edificado, não na escravidão mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, na verdade, no amor. Servir a Igreja, farol de Luz e da Verdade de Cristo, é autêntica libertação. A sessão magnífica abria, com esplendor, a marcha heróica da Universidade renovada.

Fundação Cuidar o Futuro

A MISSA DE ABERTURA

No dia 16, de manhã, as naves da Sé Patriarcal encheram-se, de lés a lés, para a missa do Espírito Santo, com a grande massa de congressistas, acompanhados por professores e autoridades académicas. Ambiente de recolhimento profundo. Todos os assistentes, numa impressionante firmeza de voz e calor de sentimentos, entoaram as orações da manhã, apropriadas ao officio divino da Igreja, e em rigoroso canto gregoriano o Veni Creator. Celebrou o Sr. Arcebispo de Mitilene e todos dialogaram com ele as orações da missa. Ao Evangelho, o celebrante exorta os presentes a procurar, na sua formação universitária, o necessário e fecundo equilibrio entre a cultura científica e a cultura religiosa.

Nenhum de nós deixará o mundo como o encontrou, mas sempre mais rico ou mais pobre. Procuremos enriquecer o mundo.

A Missa prosseguiu. Os dirigentes jucistas de Lisboa fazem a oferta das oblatas, enquanto a assistência recita a oração do Con-



gresso. À comunhão, a quase totalidade dos presentes abeira-se da sagrada mesa. Os cânticos eucarísticos fundem-se nos ares, em acento comunitário impecável. Depois, a acção de graças litúrgica. Nos claustros da Sé, serve-se o pequeno almoço e os congressistas tomam os transportes para o Instituto Superior Técnico.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A 1.ª REUNIÃO PLENÁRIA

Às 11 horas, o pavilhão das Oficinas está literalmente cheio. Na presidência, o Prof. da Faculdade de Direito de Lisboa, Dr. Manuel Gomes da Silva, com os elementos componentes da Comissão Executiva e os assistentes eclesiásticos do Congresso. Nas cadeiras da frente, os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto numerosos professores universitários. A primeira tese fundamental fora confiada ao Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz da Faculdade de Direito de Coimbra, que, por luto recente, não pôde lê-la, tendo-se prestado, gentilmente, a esse trabalho, o Prof. Dr. Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Em desenvolvimento do seu tema - "Origem e evolução da Universidade" - o Dr. Braga da Cruz, encarando a Universidade como instituição, apresenta-a como uma genuína criação medieval, analisando as causas que contribuíram para a formar, os diferentes tipos que ela reveste quanto à origem e a completa autonomia institucional da Universidade primitiva (séculos XII e XIII). Depois de um período de grande florescimento, esta autonomia sofre, ao longo dos séculos, diversas vicissitudes, apontando o dissertante às suas causas e efeitos.

A finalidade da instituição universitária não mantém um carácter estático. A missão da Universidade medieval revestia estes três objectivos bem definidos: ensinar os conhecimentos indispensáveis para o exercício das altas profissões comunitárias; formar os quadros científicos das disciplinas cultivadas, em cuja efectivação a Escolástica desempenhou um papel de primeira ordem; e hierarquizar os conhecimentos humanos, dentro dum conceito unitário da ciência. O Humanismo abriu novos horizontes à missão universitária



Fundação Cuidar o Futuro

nos séculos XV e XVI. Integrou novas disciplinas no ensino universitário, desenvolveu o espírito crítico e rejuvenesceu as disciplinas tradicionais. Sob o signo da Reforma e da Contra-reforma (nos séculos XVI e XVII), as universidades dos países protestantes aca-
nham os seus horizontes. Nos séculos XVII e XVIII, nos países ca-
tólicos, a Universidade alarga o seu campo de acção, do ensino das
ciências da natureza à investigação científica. Quando as ciências
especulativas perdem o seu prestígio, na segunda metade do século
XVII, o utilitarismo do saber ganha o predomínio. A Universidade
perante a Revolução francesa e o Estado liberal, reage, mas já sem
força. A progressiva laicização do ensino traz as mais funestas
consequências.

Sob o ponto de vista da consciência das responsabilidades so-
ciais, nos homens de estudo, tem de afirmar-se que esta é criação
genuína da Universidade medieval, pois a ciência antiga não conhe-
ceu. A Universidade, desde a sua origem ao século XVIII, procurou
colocar, cada vez mais, a ciência ao dispor da comunidade e ao al-
cance de todos os homens, sem distinção de condições sociais e eco-
nómicas.

Perante a história, a Universidade pode dizer-se finalmente
criação da Igreja. Enquanto viveu livre do despotismo absolutista
do poder político, a Universidade prestou assinalados serviços à
Igreja.

Terminado o trabalho do Prof. Braga da Cruz, procedeu-se à
leitura das duas comunicações que estavam sobre a mesa: uma do Dr.
João Evangelista Loureiro sobre os "Colégios Maiores de Espanha",
outra de Manuel Cortes Rosa sobre "Leonardo Coimbra e a História e
Teoria da Ciência".

A 2.ª REUNIÃO PLENÁRIA

A reunião plenária da tarde versou sobre "Os fins da Universi-
dade", tema confiado ao Prof. Eng. Manuel Correia de Barros, dire-
ctor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Na presi-
dência, o Prof. Dr. Fernando Magano. Nas primeiras filas, os senho-
res Arcebispo de Mitilene, Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do
Porto, vários directores de Faculdades, numerosos professores cate-



dráticos das diferentes especialidades, e o resto da sala completamente cheia de alunos universitários.

Todos estão de acordo, diz o orador, em que a Universidade tem, por missão essencial, a formação de um escol. E quase todos admitem, como função integrante, a de, pela investigação, promover o progresso da ciência.

É preciso porém dizer de que espécie de escol se trata e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa dependem do conceito que se forme da Universidade. Reveste quatro tipos: o corporativo, o humanístico, o estatista ou totalitário, e o profissional ou técnico.

Segundo o conceito humanístico, o escol que a Universidade tem por função criar, é um escol de homens de carácter. Interessa menos o que a Universidade ensina do que as personalidades que ela forma. Dentro deste conceito, não cabem, na Universidade, as profissões liberais. O conceito estatista, levado ao extremo totalitário, é o que vigora, hoje, nos países onde o despotismo, subordina toda a nação a uma ideologia e procurar servidores nela, ao mesmo tempo, competentes, dóceis e fanáticos. Dentro deste conceito, a Universidade deve formar as categorias mais elevadas destes servidores. No conceito técnico, o que interessa não é o homem, nem mesmo um tipo deformado e sectário; interessa o profissional. Esta maneira de ver produz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter, em benefício duma simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e, sempre o mais autêntico. Não tem interesse, apenas para a época que o criou; pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares e sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. É, por isso, o conceito universitário por essência. Este conceito exige

Este conceito exige que sejam respeitados alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência colegial dos estudantes a não poder ser em casa de família; a assistência pessoal directa, para aconselhar e orientar o aluno; continuidade das instituições universitárias; fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim Geral da Universidade a que pertence.



O ensino da teologia, sem interferências regalistas, tem lugar de honra, neste conceito.

Tendo acabado de falar o orador, assumiu a presidência o Prof. Sousa da Câmara, director da Estação Agronómica Nacional, que passou a dirigir a leitura de comunicações, ou seus resumos, por absoluta falta de tempo. Foram as seguintes: Neves e Castro "A investigação científica na vida universitária"; Equipa de alunos do 2º ano da Faculdade de Letras de Lisboa "A formação intelectual e as exigências da especialização"; Dr. Luís Archer "O papel da filosofia entre a especialização científica e a síntese universitária"; Ramiro Libano Monteiro "Meios práticos de realizar a síntese cultural na Universidade"; Celinda Rosa Esteves Lourenço "Acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina"; Sara Cristina Simões Porto e Estela Ferreira Franco, "O ensino prático na preparação profissional"; Maria Adelaide da Cruz Calado, "A preparação e o estado cultural do universitário"; Manuel Franco Queiroz, "Alguns aspectos da introdução de cadeiras de cultura na Universidade"; Maria da Graça Varela Cid e Manuel Temudo, "Problemas culturais e ideológicos do universitário"; Brígida Vilaça Delgado, "Universidade, escola de profissionais"; José Keating, "Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação na Universidade Portuguesa"; Maria da Conceição Tavares da Silva, "Cultura e profissão"; Aurora de Oliveira Fonseca, "O problema das licenciaturas"; Heline Otelo Morais Neves, "Tentativa de crítica do plano de estudos da licenciatura das ciências fisico-químicas"; Maria Clotilde Teixeira da Rocha, "A cultura e a mulher: sua influência recíproca"; Maria da Conceição Madureira, "A necessidade da especialização do ensino e a formação da personalidade intelectual".

Sobre os actuais colégios maiores em Espanha, falou o Prof. D. Isidoro Martinez y Martinez, director do Colégio de S. Paulo de Madrid. O Dr. Francisco Pereira de Moura apresentou o aspecto actual da formação do estudante universitário, subordinando o seu trabalho à epigrafe: "A Universidade e a formação intelectual". José Manuel Antelo esboçou o "Panorama da investigação científica na Universidade portuguesa actual".

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



A SERENATA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

A noite, os estudantes de Coimbra ofereceram aos restantes congressistas uma serenata de fados e guitarradas. Teve lugar no maravilhoso "Auditorium" do Instituto Superior de Agronomia, em plena Tapada da Ajuda, e constituiu um inesquecível momento de beleza que a numerosa assistência apreciou sobremaneira

A MISSA NA IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS

A Missa, no dia 17, foi na Igreja de S. João de Deus. As três naves brancas concêntricas enchem-se de estudantes e professores universitários. Ao fundo, o fresco hagiológico de S. João de Deus cheio de colorido e ascese, movimentando-se em chamas evocadoras de caridade apostólica. As orações da manhã sobem as alturas em espiral unissona, potente, cheia de compenetração interior e frescura primaveril. Celebra o Senhor Bispo do Porto que à homilia entrelaça sugestivamente as palavras universo, universidade e catolicidade. O intelectual católico deve pôr a sua ciência ao serviço da integração mental e moral destes três termos. O sinal de Deus é a unidade. Cristo é o caminho único da Verdade para a Vida íntegral em Deus. Ao ofertório, faz-se a oblata solene das matérias sacramentais para o sacrifício, em mãos direções diocesanas do Porto e representantes das várias Faculdades deste centro universitário.

AS PRIMEIRAS REUNIÕES PARCIAIS

Às 11 horas em várias salas do Instituto Superior Técnico, têm lugar as primeiras reuniões parciais sobre os cinco primeiros temas subsidiários, elencados no programa do Congresso.

A primeira reunião discutiu as "Organizações universitárias de estudantes", sendo relator Joaquim Vilaça Delgado, de Coimbra. A segunda ocupou-se da "Condição económico-social dos estudantes", sendo relator Jorge Biscaia, também de Coimbra. A terceira versou sobre "Problemas religiosos e morais dos estudantes", sendo rela-



tor João Resina Rodrigues de Lisboa. Na quarta, o tema desenvolvido pela relatora Maria Manuela da Silva, de Lisboa, foi "O universitário e os problemas de estudo". A quinta ocupou-se dos "Problemas da vocação e preparação profissional do estudante", sendo relator António Coimbra do Porto.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A 3.ª REUNIÃO PLENÁRIA

Às 15 horas da tarde, o pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico tornou a encher-se para a terceira reunião plenária. Na Na presidência o Dr. Pires Cardoso professor do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa. Feita a oração e lido o expediente, do qual constavam novas adesões de organizações universitárias estrangeiras, é apresentado com o orador da sessão, Prof. Dr. Galvão Teles da Faculdade de Direito de Lisboa. Tema proposto, "A Vida institucional da Universidade".

A Universidade, diz, constitui uma verdadeira instituição. Há nela, uma comunidade de pessoas, os professores e os alunos, irmãos na prossecução dos mesmos fins, o todo revestido de autoridade própria e assistido de órgãos seus. O carácter institucional da Universidade portuguesa é nítido nos primeiros séculos. Mas, nesse período, ela era também uma corporação. O corporativismo medieval português não se restringia às actividades económicas; constituía uma fórmula geral de organização social. Nela, se integrava a Universidade, com completa autonomia perante o Estado e um poder absoluto de autodirecção: fazia os seus estatutos, escolhia os seus órgãos, designava os seus professores, traçava as directrizes superiores da sua vida, possui a bens próprios que administrava, exercia jurisdição sobre os seus membros.

A moderna Universidade portuguesa não é mais que um serviço público ou administrativo (embora com personalidade jurídica), dependente de um departamento do Estado. É preciso acentuar a sua autonomia. Mas importa que as Universidades se mostrem à altura da, embora restrita, independência que já possuem e adquiram jus a independência maior. Dos três tipos de Universidade - formativa, cien-



tífica e técnica - o orador prefere o primeiro. A Universidade só se pode dar por satisfeita, se se dedicar devotadamente à integral formação dos seus alunos, no plurifacetado das respectivas personalidades, sob o ponto de vista intelectual, religiosos e moral. O orador apresenta a seguir algumas sugestões, para que se possam reconstituir as tradições comunitárias da nossa Universidade, despedaçadas por longa era de individualismo, salientando a propósito que não se pode esperar tudo da lei, cabendo sempre o principal papel à boa vontade dos responsáveis. Entretanto no domínio das reformas, além da reorganização corporativa, urge alargar o quadro das disciplinas culturais, comuns às várias Faculdades, e intelectual e moralmente formativas, fazendo da Universidade, não simples justaposição de Faculdades estranhas, mas síntese de todos os objectos do saber, embora com algum sacrifício da extensão e profundidade das disciplinas técnicas; criar cidades universitárias com sede para todas ou para a maior parte das Faculdades ou Escolas, onde os mestres e alunos se encontrem, para um mais íntimo convívio; alargamento dos quadros ou maior recrutamento do pessoal docente auxiliar para acompanharem, de perto, os alunos nos seus problemas e permitirem aos académicos mais aturada investigação científica. Os alunos não devem ser praticamente esquecidos, como tantas vezes são. O próprio legislador os esquece, não raro, como também os mestres por eles não mostram o interesse humano que merecem. Daí a antítese criada entre a Universidade e o aluno. Há aqui um verdadeiro drama que não se evita nem dilui, pelo facto de se fingir ignorá-lo. É preciso, concluiu o orador, atribuir ao estudante um papel mais activo na realização dos fins universitários, tanto na vida escolar como no funcionamento orgânico da Universidade.

Passou-se à leitura e discussão de comunicações. Alexandre Fradique Gomes Morujão tratou do "Regime de seminário"; Maria Helena Teves Costa do "Currículo universitário e a cultura superior da mulher cristã", advogando a criação duma Universidade Feminina; Dr. Afonso Botelho discutiu a "Ideia de corporação e a reforma universitária" e a "Universidade, comunidade de estudantes"; Luís Filipe Demony, "Aproximação de professores e alunos em actividades comuns"; Maria Luisa Ferramenta Ferreira Guerra, "Trabalho em regime de seminário"; Rita Fuzeta da Ponte, "Seminários e investiga-



ções"; Manuel Júdice Halpern, "Pedagogia universitária"; Maria da Encarnação Monteiro, "Problemas de estudo na Faculdade de Letras de Lisboa"; Maria Isabel Furtado e Maria Helena da Graça Mira, "Intercâmbio cultural entre as várias Escolas Superiores"; Mário Bento Martins Soares, "Sobre a importância dos organismos de extensão cultural"; João Cabral, "Servir a Universidade"; Dr. Joaquim António de Aguiar "Colégios Universitários"; Aulácio de Almeida, "O problema da habitação dos estudantes"; Virgílio de Lemos, "Problemas económico-sociais dos estudantes"; Mário da Silva Moura, "A luta contra a tuberculose nos meios universitários"; Rui Manuel Nogueira Simões, "Assistência médica ao universitário"; Carlos Manuel Vieira de Almeida Álvares de Carvalho, "Organizações universitárias de estudantes: organizações de tipo neutro"; João Cosme Santos Guerreiro, "O universitário e os problemas de estudo".



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A SESSÃO DE CINEMA

As 18,30, após um dia de intenso e fecundíssimo trabalho, a assembleia foi convidada a assistir à passagem da obra prima do cinema francês, feito sobre o romance de Bernanos "Journal d'un curé de campagne", exibido pela primeira vez em Portugal, no Cinema Império, gentilmente cedido pelos seus proprietários para tal efeito.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A MISSA NA IGREJA DE N.ª S.ª DE FÁTIMA

No sábado, 18 de Abril, o acto litúrgico da manhã desenrolou-se na Igreja de Nossa Senhora de Fátima. À piedade ardente e esclarecida da Juventude Universitária, não podia faltar esta nota mariana. A "Sede da Divina Sabedoria" é, por excelência, o modelo e amparo dos que, por profissão, se consagram aos mistérios do saber. Depois das orações da manhã, em coro magnífico, como nos dias antecedentes, celebra o Senhor Bispo-Arcebispo de Coimbra. Ao Evangelho, o ilustre Prelado exorta os presentes à cruzada contra o erro que, satânicamente organizado, se empenha na luta contra Deus

fonte de toda a Verdade, de todo o Bem e de todoo Direito. O ponto crucial dessa luta da Verdade contra o erro é a Universidade, onde ele pode infiltrar-se sob as mais astutas formas. É aí que a Verdade integral mais precisa de apóstolos.

Finda a homilia, as direcções do C.A.D.C. e da J.U.C.F. de Coimbra fazem a oferta do pão e do vinho para o sacrifício, enquanto toda a assistência acompanha as oblatas com a oração do Congresso.

AS ÚLTIMAS REUNIÕES PARCIAIS

As 11 horas, nos mesmos locais do Instituto Superior Técnico prosseguem as reuniões parciais. O Dr. Danile Serrão, assistente da Faculdade de Medicina do Porto, trata do "Apostolado Universitário". Maria Isabel Nogueira de Coimbra, debate o problema da "Universidade Católica". Eng. Rogério Martins, assistente do Instituto Superior Técnico, expõe os "Tipos actuais de Universidade". Do tema "A mulher na Universidade", é relatora a Presidente Geral da J. U.C.F., Maria de Lourdes Pintassilgo, de Lisboa. E o Dr. Adérito Sedas Nunes, Presidente da J.U.C. das "Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes".

A 4.ª REUNIÃO PLENÁRIA

À tarde, a quarta reunião plenária, pelo interesse candente do tema - "Responsabilidade social da Universidade" - encheu também de mestres e alunos o vastíssimo pavilhão das Oficinas do Técnico. Na presidência, o Eng. Alberto Manzanares Abecassis, professor do Instituto. Nas primeiras filas, várias prelados, o Secretário Geral de "Pax Romana", Bernard Ducret, e numerosas personalidades em evidência no mundo universitário.

Lido o expediente, onde havia a salientar a adesão da Federação Universitária Católica Italiana, o Prof. António Sousa da Câmara, director da Estação Agronómica Nacional, entrou a expor a sua



tese: "Responsabilidade social da Universidade". Quando se aprecia a importância transcendente da Universidade, diz, reconhece-se a sua influência decisiva na defesa e conservação da cultura, bem como na educação da juventude; a acção profunda nos domínios da investigação científica; a sua projecção prodigiosa na colectividade; o papel decisivo que desempenha na formação da maior parte dos dirigentes, que hão-de constituir o escol da Nação. Mundialmente, porém, se reconhece que ela carece de reforma. Crê-se, que sobre a Universidade, recaem enormes responsabilidades sociais, para contribuir poderosamente na elevação da Humanidade. Só o conseguirá, se estiver devidamente organizada e se for servida por indivíduos de alta qualidade, de grande valor moral e intelectual. Os professores universitários têm de viver para os seus alunos e para a investigação científica. A investigação tem um alto valor formativo. A ética deve acompanhar a investigação, tanto de mestres como de alunos, para que esta seja elemento educativo. A ciência não se desenvolve por si mesma, mas para elevar o homem, tornando-o mais nobre, com vida mais fácil e virtudes mais cristãs. Para promover a investigação, em Portugal, é necessário criar entre nós, uma instituição semelhante ao "Consejo Superior de Investigaciones Cientificas", que a Espanha criou para si. Cabe à Universidade desempenhar um papel, cada vez, mais activo, na vida internacional. No mundo ocidental, as instituições de ensino superior devem promover a cooperação universitária no plano internacional, em ordem a intensificar o progresso incessante da ciência e suas aplicações, para a defesa da cultura, melhor entendimento entre os povos e garantia de paz.

Seguiu-se a leitura e discussão de comunicações. Maria Ivone Miranda discutiu o tema "Responsabilidades da Universidade na orientação ideológica da vida social"; Maria de Lourdes Lapa Pereira, "A preparação dos professores do ensino secundário"; Manuel de São Payo, "Problema da democratização do ensino universitário"; Mário Bigotte Chorão, "A selecção do estudante universitário: o ingresso na Universidade"; Maria Helena Mariano, "A Universidade e os grandes problemas nacionais: estudar e orientar"; António Freitas Leal e José Pedro Martins Barata, "Natureza e espiritualidade da profissão de arquitecto"; Augusto da Silva, "Responsabilidade da Universidade na orientação ideológica da vida social"; Carlos Maria Mo-



niz Tavares de Matos Taquenho, "A Universidade perante o problema social e a crise de pensamento"; Nuno Krus Abecassis, "A Universidade e a formação dos chefes"; António João Bispo, "A Universidade e as ciências pedagógicas"; Adelino Júlio Fergueiras Barreto, "Influência do meio na vocação universitária"; Amélia Sampaio, "Responsabilidade da Universidade na orientação ideológica da vida social"; Maria Margarida Macedo Silva, "O ensino secundário: Problemas de vocação e preparação profissionais"; Luís Carlos Silva Monteiro Calual, "O profissionalismo do universitário como solução do seu problema económico".

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O SARAU DE ARTE

À noite, no salão de festas do Instituto Superior Técnico, realizou-se um excelente sarau de arte, pela pianista Nina Marques Pereira e pelo Grupo coral "Polyphonia", superiormente dirigido pelo cantor-mor, Mário de Sampaio Ribeiro. Os programas agradaram em absoluto e mereceram fartos aplausos dos numerosos congressistas, que atestavam o vasto recinto.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O PONTIFICAL NA SÉ

Domingo, 19 de Abril, veio encerrar, com esplendor magnificente, o Congresso. De manhã, na Sé, foi sonelíssimo pontifical, presidido pelo Senhor Cardial Patriarca. A comunidade cristã segue, no maior recolhimento, a pompa litúrgica, que a Schola Cantorum do Seminário dos Olivais realça com maestria de sempre. A comunhão geral é empolgante de fervor eucarístico, nas muitas centenas de jovens e professores universitários que se abeiram da sagrada mesa. À homilia, o eminente Purpurado, em palavras de fogo, exorta aquela fecunda messe de valores intelectuais católicos a realizar o lema felicíssimo destas jornadas de pensamento em acção: "Estar presente, servir a Igreja".



AS EXCURSÕES

Após o pequeno almoço volante, nos claustros da Sé, toda a massa de congressistas parte, em excursão de merecido repouso, para três direcções distintas. O grupo mais numeroso embarca para o estuário do Tejo. Outro, em 10 camionetas, vai para a costa do Sol e Serra de Sintra, onde passa a primeira parte da tarde através do parque, desde os Capuchos a Colares e vila. Outro ainda fica-se por Cascais e pela mata de Santo António do Estoril.

A ÚLTIMA REUNIÃO PLENÁRIA

As quatro concentraram-se todos, de novo, no pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico. É a última reunião plenária. Preside o Prof. Dr. Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra. Lê-se o expediente. O Chefe de Estado agradece as saudações enviadas pelos congressistas. Há ainda, adesões de Prelados e votos da Juventude Católica do Brasil, bem como uma admirável Mensagem solene colectiva dos organismos da Juventude Católica: J.A.C., J.E.C. J.I.C. e J.O.C..

O Prof. Dr. Augusto Vaz Serra da Faculdade de Medicina de Coimbra, procede à leitura da sua tese: "A Universidade e a Igreja". As relações entre a Universidade e a Igreja deduzem-se, facilmente do conceito histórico de ambas. A Universidade tem uma função informativa e formativa. O espírito universitária caracteriza-se, cada vez mais, por estas notas: vocação, entusiasmo, rebeldia, generosidade, intransigência consciência histórica e catolicismo. Na Igreja, comunidade dos cristãos, formadora das consciências, dominam quatro virtudes essenciais: verdade, moralidade, amor e heroísmo. A doutrina da Igreja é coerente com o progresso da ciência e suas aplicações. O orador historia e justifica a erecção das Universidades católicas e aponta, como um direito e uma necessidade a criação da Universidade Católica Portuguesa. O exercício dos direitos da Igreja é providência e não ingerência. A instauração de cursos de Deontologia, em todas as Faculdades, terá a mais salutar



chegarão , nem esperar, ingenuamente, que as dificuldades se resolvam por si mesmas. Marcamos o esquema dos verdadeiros fins da Universidade; vincamos o seu genuíno carácter corporativo, a sua relevante função social. Frisamos a necessidade da Universidade católica, porque uma Universidade, de que Deus está ausente não é plenamente Universidade. Não esqueçamos o papel do estudante. Ele não pode limitar-se a pedir e a receber, o que a Universidade lhe quiser dar. Tem de manter um papel essencialmente activo: iniciativa no estudo; livre exercício da sua capacidade de reflexão e crítica, amor desinteressado da Verdade. Deve ser o colaborador do professor. Os universitários católicos não pedem só uma Universidade nova. Reconhecem e aceitam as responsabilidades de ajudar a construí-la. Para isso, a J.U.C. e J.U.C.F., dentro de 5 anos realizarão o seu segundo Congresso Nacional. Este voto foi aprovado por aclamação.

Seguiu-se a leitura das conclusões e votos do Congresso, que constituem uma verdadeira Carta Magna do conceito católico de Universidade. Aquela em que se formulava a necessidade da criação imediata da Universidade católica em Portugal foi saudada de pé com as mais vibrantes aclamações de toda a assistência.

O Senhor Cardeal Patriarca fechou com palavras de ouro. Abriu magnificamente, o Congresso. Encerrava-se, gloriosamente. Podia considerar-se um acontecimento histórico na vida nacional. Benditos sejam, disse sua Eminência, os que trouxeram esta alegria à terra cristã portuguesa. A actualidade e eficácia da Igreja, mais do que nunca , se patenteia à face do mundo de hoje. Os universitários católicos têm de ser os portadores de um Cristo vivo, a iluminar a inteligência e o coração. O pai de Montalembert, quando o filho entrava no seu gabinete, sem querer, levantava-se. Num repto oratório elequentíssimo, Sua Eminência convidou toda a assistência a levantar-se, também, para saudar, louvar e aclamar a briosa, numerosa e heróica mocidade universitária, que acabava de dar ao país, com o seu Congresso , um tão elevado e fecundo exemplo de estudo e acção. E todos os presentes secundaram o illustre Purpurado.

